NUNES PEREIRA

HISTÓRIAS E VOCABULÁRIO DOS INDIOS UITOTO

Publicação n. 3

INSTITUTO DE ANTROPOLOGIA E ETNOLOGIA DO PARÁ

Séde provisória: MUSEU GOELDI

BELÉM — PARÁ — BRASIL

1951

INSTITUTO DE ANTROPOLOGIA E ETNOLOGIA DO PARÁ

(Fundado em 27 de Setembro de 1947)

Sede provisória:

MUSEU GOELDI

Belém - Pará - Brasil

P U B L I C A Ç Õ E S :

N.º 1 — "ASPECTOS ANTROPO-SOCIAIS DA ALIMENTAÇÃO NA AMAZÔNIA", por **Armando Bordalo da Silva.** (2 mapas) — 1949.

N.º 2 — "A ARTE OLEIRA DOS TAPAJÓ — I. Considerações sobre a cerâmica e dois tipos de vasos caracteristicos", por **Frederico Barata.** (48 ilustrações) — 1950.

N.º 3 — "HISTÓRIA E VOCABULÁRIO DOS INDIOS UITOTO", por **Nunes Pereira.** (Com 2 ilustrações) — 1951.

No prélo:

N.º 4 — "ALGUMAS NOTAS SOBRE OS WAIANO E OS APALAÍ, DO RIO JARÍ", por **Eurico Fernandes.** (Com 18 ilustrações) — 1951.

N.º 5 — "A ARTE LÍTICA DOS TAPAJÓ" — Contas e "muirakitãs", por **Frederico Barata.** (Com 50 ilustrações).

Solicitações de permutas e correspondência devem ser dirigidas ao

INSTITUTO DE ANTROPOLOGIA E ETNOLOGIA DO PARÁ

Caixa-Postal n.º ~~491~~ 684

Belém - Pará - Brasil

NUNES PEREIRA

HISTÓRIAS E VOCABULÁRIO DOS INDIOS UITOTO

Publicação n. 3

INSTITUTO DE ANTROPOLOGIA E ETNOLOGIA DO PARÁ

Séde provisória: MUSEU GOELDI

BELÉM — PARÁ — BRASIL

1951

NA CAPA E NO FRONTESPÍCIO:

Instantáneo fotográfico de uma india Uitota na Colônia de Amaturá.

Em maio de 1946 estive alguns dias em São Paulo de Olivença, séde do município do mesmo nome, no Estado do Amazonas, ali conhecendo José Antonio Abelardo, indio Uitoto, natural do Rio Chorero, no IÇÁ COLUMBIANO, também geográficamente conhecido pelo nome de PUTUMAYO.

Dizia-se filho do Chefe (Itiame ou Idiama) COÉGANEIMA, já falecido.

Como freguês dos Mafra, do lugar VENDAVAL, no Rio Solimões, estava ali de passagem para o ALTO RIO JUNDIATUBA, bastante frequentado por causa das suas madeiras de lei.

Dele obtive as lendas ou histórias (hafuédjóte), que ora são dadas à estampa, o vocabulário e algumas notas acerca de certos aspectos culturais da sua tribo. Não obstante conhecesse eu as obras de Crévaux, Martius, Preuss, Tessmann, Koch Grünberg e, também, os trabalhos dos Franciscanos de Sibundoy (Putumayo, Colombia), através das páginas da revista AMAZÔNIA COLOMBIANA AMERICANISTA, órgão semestral da CILEAC (**Centro de Investigaciones Linguisticas e Etnologicas de la Amazônia Colombiana**), achei que êsse material poderia ser utilizado amanhã num estudo comparativo, por exemplo, do que já se conhece dos UITOTO, localizados, segundo Koch Grünberg, entre 72º e 79º, de longitude, ao oéste de Paris, e dos MIRANHA, localizados, a partir do Lago de Tefé, até os nossos limites com a Colombia, no Japurá, isto é, em território brasileiro.

Aliás, idêntico pensamento foi expresso pelo P. Marcelino de Castelvi, O. F. M., Cap. Diretor da revista acima citada, quando, apreciando, os DATOS MITOLOGICOS DE LOS HUITOTOS de la Chorrera, do P. Placido de Calella, O. F. M., Cap. escreveu:

"Para que más tarde pueda fijarse con precisión sobre que áreas amazônicas se extiende cada una de las variantes mitologicas de los huitotos y cuales influencias haya recebido, se intenta comprobar y completar ahora la múltiple información existente, praticando sondeos en diferentes informadores de cada tribu y repitiendo encuestas en los extremos del área huitoto y en sus numerosas enclaves".

E' verdade que, abaixo de São Paulo de Olivença, em MATAURÁ, perto da MISSÃO DOS FRANCISCANOS, dirigida por FREI PIO, talvez um grupo de UITOTO, para ali transplantado, me pudesse fornecer mais numerosas e interessantes lendas ou histórias dessa tribo, cujo

martirologio no PUTUMAYO, ao tempo do **rush** do caucho, SIR ROGER CASEMENT denunciou ao mundo civilizado, revelando, entre outros fatos, que a produção de quatro mil toneladas de caucho, entre 1900 e 1911, havia custado a vida a trinta mil indigenas, não havendo, creio eu, custado menos vidas de indigenas a exploração dos seringais brasileiros da Amazônia.

No entanto, o meu trabalho é também uma sondagem na mentalidade de um informante UITOTO, desenraizado do seu meio, mas conservando na sua memória elementos da vida social e da vida mitológica da sua gente.

Que êsse trabalho possa ser proveitoso a qualquer pesquisador dos aspectos culturais desse infeliz povo, na Colombia ou no Brasil, é quanto almejo.

Pará — Belém, junho de 1951.

N. P.

ASPECTOS CULTURAIS DOS UITOTO

A nação UITOTO se compunha de diversos clans, assim denominados:

IVICUENA (pimenta)
CIUÊNE (taboca)
NOGÔME (panela)
DORIVO (paxiúba)
RODIÉGURO (frio)
MONANIÇA (céu)
QUITOBÊGE (veado capoeira)
RAIOVO (cobra)
OCIGUÊNE (maniva)
TALFÉEO (diabo)
NÉMENE (ananaz)

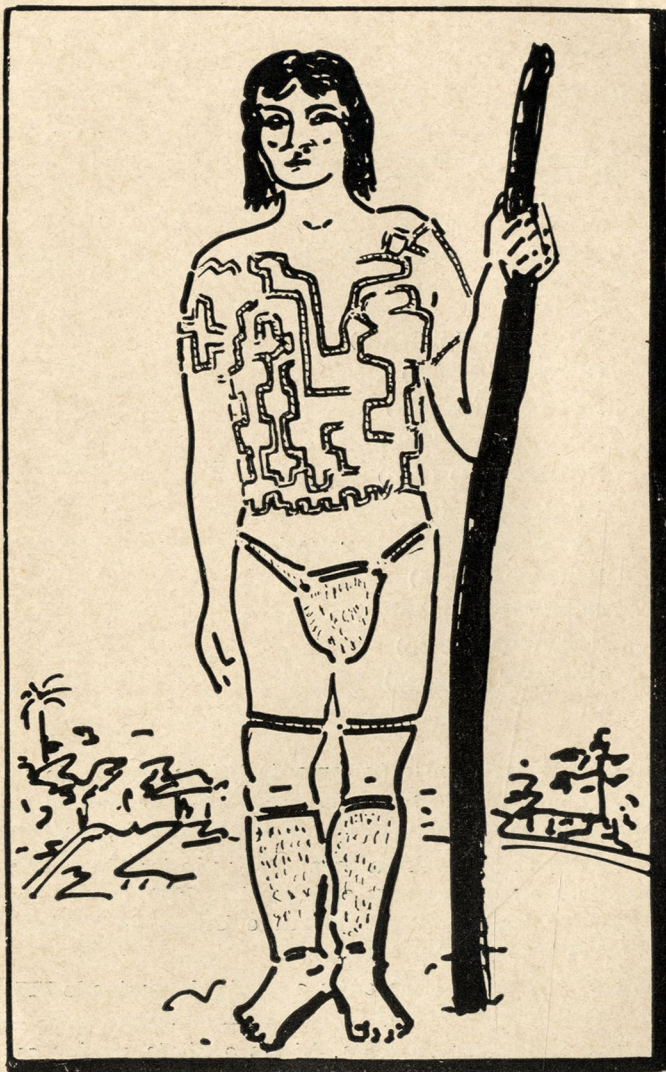
José Antonio Abelardo, meu informante Uitoto, depois de esclarecer que a sua gente procedia do norte do Perú, me disse ser do clan IVICUENA, porque seu pai era IVICUENA; sua mãe, porém, era CIUÊNE.

Cada uma dessas nações tinha uma giria própria; tôdas, entretanto, não compreendiam e nem falavam a lingua UITOTO. Os dos clans IVICUENA, CIUÊNE e QUITÔBÊCE falavam o Uitoto ou VITOTO, como José Antonio Abelardo pronunciava.

As principais figuras da tribo eram o Chefe, denominado ITIAME ou IDIAMA, e o **medicine-man** ou pajé, denominado AIMA.

O Chefe era escolhido pela tribo. Morto o Chefe, porém, seu irmão mais velho o substituia, depois outro irmão, enfim todos os demais irmãos, até recair sôbre o primogênito.

O pajé recebia do Chefe ordens para curar êste ou aquele doente e estava obrigado a ensinar a sua arte aos jovens, para que a tribo não ficasse sem médico e sacerdote.

A tribo contava com dois chefes militares: FUIRIRAMA.

Tipo de tatuagem masculina em um indio Uitoto

Os guerreiros, quando iam defrontar inimigos, se pintavam com urucú, denominado, em Uitoto, **nomóc.** As tatuagens de urucú, chamavam **hidóro.**

Os guerreiros se chamavam: VALICÔNE ou ROBAIME (matador), sendo encarregados de matar e de queimar as barracas.

O distintivo do Chefe era uma faixa de tururi branco, que lhe cingia a cabeça. Os homens usavam tapa-sexo de tururi; as mulheres não usavam tangas, mas, se menstruadas, usavam uma faixa de tururi, também.

Estar menstruada se dizia: **deiacité.**

Nessas condições só comiam beijús e mandubí. E trabalhavam à mão, na roça. Não podiam tocar em nenhum objeto ou comida pertencente a outrem. E não podiam falar com homens e mulheres da tribo, porque os dentes desses apodreceriam.

Nenhuma festa era realizada para celebração do primeiro menstruo, por isso que aquele estado não a justificaria.

Para lhe limpar o estomago, davam-lhe de beber água de **cedrerela.**

Para se casarem obedeciam à seguinte tradição: O pretendente à mulher, pedia-a ao pai e, se ela fosse órfã, pedia ao tio mais velho e, assim, sucessivamente, até pedi-la ao avô ou à mãe.

—**Oiçana hi tãde** — dizia o pretendente.

E o pai da moça respondia, desdenhando:

—**Rariéde** — preguiçoso.

O pretendente propunha-se a trabalhar na roça durante o ano:

—**Iecedei hitaíde.**

O velho consentia:

—**Uño!** — leva!

O pretendente era assim obrigado a trabalhar para o sogro. Quando acabava de trabalhar levava a mulher para a casa dos seus pais. Eram monógamos. Não admitiam relações entre parentes próximos. Ao encontrar uma tia o sobrinho voltava o rosto de lado e a deivaxa passar.

Quando nascia uma criança não faziam festa, mas obedeciam a um resguardo que chamavam **fuimáde.**

Ao umbigo da criança, que a própria mãe cortava, chamavam **rêquima.**

Se a criança era do sexo masculino o pai lhe dava um destes nomes:

HIHIRUMA
BOINADJAI
HIFIGUIMA
NOICÔDO
REGUETOMA
NOINIQUE.

Se a criança era do sexo feminino, o pai lhe dava um destes nomes:

COMINOIBINANUN
GUERERANI
HIRÁCADIÉNE

As mães carregavam os filhos em tipóias, que eram feitas de tururi branco, sendo algumas artisticamente pintadas.

Morto qualquer indivíduo, era enterrado no centro da casa, que continuava a ser habitada pela familia. Era enfaixado (entaniçado) com tururi e enterrado deitado.

Não festejavam os mortos como não festejavam, também, o casamento.

O Chefe e o filho deste usavam uma corôa de penas de papagaio, que criavam para êsse fim.

As mulheres usavam um brinco feito de uruá, chamado BURUGUE

A sua arma principal era a zarabatana, feita da madeira denominada **punã,** que se encontra na terra firme, da qual retiravam o amago. Chamavam-na COMÊQUE. E como veneno para as pequenas flechas usavam o ALFÓIA, preparado com raspas do cipó do mesmo nome.

O velho que o preparava nada comia, enquanto o estava cozinhando, e ia buscar água para a juntar à panela de barro, retendo o folego, porque, se assim não o fizesse, o veneno ficaria fraco, sem ação energica e imediata.

Não comiam o peixe acará-assú, nem o davam aos filhos, porque acreditavam que do ocelo do mesmo provinham feridas.

Faziam vinhos com goma e caldos de frutos: ananaz, buriti. Não bebiam vinhos altamente fermentados para que não brigassem entre si

Cozinhavam as fôlhas do fumo até dar-lhes consistência pastosa, apurando o mel. E comiam-no assim.

Mascavam as fôlhas do arbusto denominado GIBOI, que não era outra planta senão a da coca. Aspiravam-lhe o pó das fôlhas, torradas e trituradas, de mistura com a cinza da embauba (uma cecrópia).

Castigavam o vicio do onanismo nas meninas e nos meninos com surras de cipó.

ALGUMAS LENDAS OU HISTÓRIAS DOS INDIOS UITOTO

(CONTADAS PELO INDIO JOSÉ ANTONIO ABELARDO, NATURAL DO RIO CHORERO, NO IÇÁ COLOMBIANO, EM MAIO DE 1946)

HISTÓRIA DOS GÊMEOS

No comêço do mundo existiam dois chefes poderosos, chamados Mogore Hitoma e Heririama Nocaido.

Êste era solteiro e aquele era casado com uma mulher chamada Hicebéne Alfuéde.

Um dia Hitoma desconfiou que Nocaido estava cobiçando sua mulher. Nocaide era o Tucano. Andava em redor da casa de Hitoma, com o bico arrastando pelo chão, sacudindo a cabeça, de um lado para o outro, e espiando para dentro, pois a mulher deste estava alí.

Hitoma ficou cheio de ciúme e resolveu afastar Nocaido, — o Tucano — da sua vizinhança.

Jogou-lhe piôlhos sôbre a cabeça. Muitos, muitos piôlhos.

Mas o Tucano inventou o pente e, passando-o pela cabeça, tirou e matou todos os piôlhos.

E, vingando-se de Hitoma, lhe jogou aos pés muitas pulgas, para que os bichos de pé o aborrecessem, também.

Mas Hitoma inventou o leite de sorva e o passou nos pés, afastando as pulgas.

Como o ciúme de Hitoma não o deixava sossegar, Hitoma resolveu matar o Tucano.

Apanhou sua zarabatana e atirou uma flèchinha envenenada no Tucano. O Tucano caiu logo, ali mesmo, morto.

Hitoma, como não tinha panela, levou o Tucano morto para casa de um amigo, bem longe, a fim de festejar a morte do seu inimigo.

Mas o Tucano havia feito um acôrdo com o Gaimo, que era uma onça: No caso dêle ser morto por alguem o Gaimo passaria a ser o chefe, ocupando-lhe o cargo, e lhe vingaria a morte.

O Gaimo foi, então, esperar Hitoma na beira de um igarapé, perto do lugar onde o matador do Tucano costumava tomar banho. No outro

dia, quando Hitoma chegou da roça, falou com a mulher e foi logo tomar banho, levando consigo um dos seus filhos — o maior. Os dois outros eram gêmeos e haviam nascido naqueles dias.

Então, o Gaimo saltou sôbre Hitoma e o matou. O filho dêle se escondeu, tremendo de medo, debaixo de um pau. E virou Bacurau. O Gaimo comeu o figado, as tripas, o coração de Hitoma, ali mesmo. Depois cobriu o resto de sua embiara com as folhas e só veio acabar de comê-lo no dia seguinte.

No chão ficaram só os ossos.

A água do igarapé e a terra do barranco que caia, cobriram os ossos de Hitoma.

O Gaimo foi-se embora para casa, muito alegre porque cumprira a promessa feita a seu amigo, o Tucano.

Hitoma matára o Tucano sem razão, só por ciúme de sua mulher, que era bonita e namoradeira.

Hicebéne Alfuéde, mulher de Hitoma, ficando viuva, cuidou dos filhos gêmeos. E quando ia tomar banho no igarapé, levava-os consigo. Os meninos, assim, foram ficando fortes e logo começaram a andar; mas eram muito pequeninos.

Esses meninos se chamavam Monaro Hitoma e Fícido Hicéma. Quando começaram a falar, um dêles, muito ladino, perguntou à sua mãe:

—Onde está nosso pai?

Conta...

—Vocês nunca tiveram pai — mentiu a mulher.

—Como foi que nós nascemos?

—Peguei um punhado de breu que o Cunuarú me deu, e esfreguei na barriga. Então, vocês nasceram poucos dias depois.

A mulher estava mentindo.

No outro dia o menino perguntou de novo:

—Onde está nosso pai? Conta...

—Vocês nunca tiveram pai. Vocês sairam da barriga da minha perna.

Um dos meninos foi espiar a barriga da perna da mulher. Olhou, olhou e disse ao irmão:

—Nossa mãe está mentindo. No outro dia um dos gêmeos perguntou à sua mãe:

—Onde está nosso pai? Conta...

—Vocês nunca tiveram pai. Eu fiz vocês de breu.

Os meninos foram apanhar breu e fizeram um boneco. Mas êsse boneco não andava e nem falava.

Esfregaram o boneco na costa e no sexo da mulher. O boneco não andou e nem falou.

—Nossa mãe mentiu — disseram entre si.

No outro dia foram tomar banho no igarapé. E encontraram o peixe Jacundá com a mulher e os filhos.

O Jacundá lhes contou como é que a mulher dêle tinha tido aquêles jacundázinhos, que eram seus filhos. Os gêmeos compreenderam tudo e disseram:

—Nossa mãe mentiu.

Voltaram para casa. A mãe dêles estava na beira do fogo assando comida. Nas costas da mulher êles viram muitas cabas. Então, com as suas fléchinhas foram caçando as cabas da costa da mulher.

Uma das fléchinhas picou a mulher. E ela pulou, vendo que havia sido fléchada pelos filhos.

—Vocês são como meu marido, o pai de vocês: estão matando cabas da minha costa, como êle matava. Sem querer, a mulher estava dizendo que êles também tinham tido pai.

—E onde está nosso pai?

—Morreu queimado numa coivára.

Os meninos foram buscar paus e folhas e fizeram uma coivára. Um dêles pagou o outro pelos braços e o jogou na coivára. O menino saiu de dentro da coivára, rindo para o irmão.

—Nossa mãe mentiu — disseram entre si.

E perguntaram-lhe:

—Onde está nosso pai? Conta...

—Êle subiu naquêle pau alto e caiu de lá de cima, morrendo.

Um dos meninos subiu ao pau e se jogou do galho mais alto. Mas caiu de pé, diante do irmão.

—Nossa mãe mentiu — disseram.

E foram, de novo, perguntar à mulher:

—Onde está nosso pai? Conta...

—Anda por aí uma Bola, aos pulos, pelos matos. Dentro dela estão pedaços de carne e de osso, de cabelos, da gente que ela matou. Foi ela que matou o pai de vocês. Procurem essa Bola.

A mulher queria que a Bola matasse também os seus filhos.

Os dois irmãos sairam à procura da Bola.

E a encontraram. Era uma Bola enorme. Um dos gêmeos disse:

—Deixa que eu agarre essa Bola.

A Bola veio saltando, saltando na direção dêles. O menino quiz apará-la com um dos joelhos. A Bola caiu sôbre êle e o esmagou.

O irmão dêle, de longe, viu o que aconteceu. Poz-se a chorar, sentado num pau. A alma do menino morto lhe disse:

—Mano, vai procurar a palmeira marajá e, em cima de uma das suas folhas, acharás um ovo de beija-flôr. Eu estou encantado dentro daquele ovinho.

O menino se levantou o foi pelos matos procurar a palmeira marajá e o ovinho de beija-flôr.

Achou a palmeira marajá e achou o ovinho de beija-flôr, em cima de uma folha. Agarrou o ovinho. Dentro dêle o beija-flôrzinho estava batendo com o bico na corôa do ovo para furar.

O menino apanhou um espinho e furou o ovo. O espinho entrou num dos olhos do beija-flôr, furando-o. O beija-flôr ficou cego de um lado só.

Saiu de dentro do ovo e se pôs a voar em volta das flôres do mato, perto. O irmão o chamou:

—Vamos embora para nossa casa.

—Não. Vamos ver nossos tios — os pagés.

Os tios dêles eram todos os peixes. E eram pagés porque sabiam artes mágicas, curar doentes, afastar moléstias. Os dois irmãos foram E contaram o que lhes acontecêra aos tios. Os tios fizeram o beija-flôr se transformar num menino, mas esse menino era caôlho, só tinha uma vista: a direita. Os meninos se despediram dos tios e voltaram para casa. A mãe dêles estava na roça.

O menino que era caôlho entrou em casa correndo e saltando. Depois ficou escondido num canto da casa, dali conversando com o irmão.

—Nossa mãe mentiu, ela nos está enganando sempre. Ela não quer contar como morreu nosso pai.

Alfuéde, mulher de Hitoma, vinha entrando em casa e ouviu a voz de um dos filhos.

—Com quem estás conversando?

—Sózinho. Eu sou homem e posso conversar comigo mesmo. Nisso, o outro menino saiu do lugar onde estava escondido e foi logo perguntando à mãe:

—Onde está nosso pai? Conta...

A mulher disse:

—Vejam! Os passarinhos e todos os bichos de pena estão comendo os frutos das nossas árvores. Andem! Matem êles!

—Nossas fléchinhas não têm veneno. Onde está a zarabatana e as fléchinhas e o pote de veneno de nosso pai? Onde está o veneno?

—Fechem os olhos que eu ponho veneno nas fléchinhas de vocês.

Um menino tapou os dois olhos, mas o caôlho só tapou o furado e viu, por entre os dedos das mãos, o que sua mãe fazia.

Ela abriu as pernas e meteu as fléchinhas no seu sexo.

—Agora, abram os olhos. E tomem as fléchinhas de vocês. Agora elas já matam.

Os meninos começaram a flechar as aves, os passáros, no alto dos abieiros, dos ingazeiros, dos açaizeiros, das bacabeiras.

A mulher ia ajuntando os passáros e as aves que caiam mortos e os metia numa panela. Assim, todo dia, levava comida para o seu companheiro. Os meninos cercaram depois outras árvores mais distantes de casa, que ficaram limpas de aves e de passáros.

Mas havia um mapati com os galhos cheios de aves e de passáros. Os meninos foram procurá-lo e mataram tôdas as aves e tôdos os passáros, que encontravam.

Flécharam até a Borboleta Azul na ilharga. A Borboleta Azul caiu ao chão, flechada. E pediu aos gêmeos:

—Curem-me, curem-me!

O caôlho dizia:

—Não! Não cura, irmão! Deixa que ela morra!

—Curem-me! Curem-me! — pedia a Borboleta Azul.

—Não cura, não cura, pedia o caôlho.

—Curem-me, que eu conto quem era o pai de vocês e como êle morreu.

O caôlho disse ao irmão:

—Então cura a Borboleta Azul.

O irmão tirou a fléchinha da ilharga da Borboleta Azul e pôs na ferida um pedaço de concha do rio.

A Borboleta Azul, assim que se viu curada, escapuliu das mãos dos meninos e desapareceu no meio da copa de uma árvore alta, alta.

Então os meninos continuaram a caçar. E flecharam um Picapau pequeno, que estava num abieiro.

O Picapau caiu no chão, gritando:

—Curem-me, curem-me!

Ficido Hicéma — o caôlho — porém, gritava:

—Não cura! Não cura!

—Cura-me, cura-me! E eu contarei quem era o pai de vocês e como êle moreu.

—Então cura! — aconselhou o caôlho ao irmão.

Monaro Hitoma perguntou ao Picapauzinho:

—Tu não me enganas?

—Eu não sei contar bem, mas outro Picapau — o Grande — conta bem.

Os meninos curaram o Picapauzinho e o soltaram. Continuando a caçar, os meninos encontraram o Picapau grande. Hitoma o flechou. O Picapau grande caiu gritando:

—Curem-me, curem-me!

E o caôlho gritava:

—Agarre bem êsse Picapau. Agarre bem!

Monaro Hitoma o agarrou com ambas as mãos.

—Cura-me, cura-me, que eu conto quem era o pai de vocês e quem o matou.

Ficido Hicéma gritou:

—Conta! Conta! E nós te curaremos.

—O pai de vocês era Magore Hitoma. A onça Gaimo o comeu. A mãe de vocês mentiu. O Gaimo mora aí na ponta do pau tinumbóca. A zarabatana dêle está na cumieira da casa e o pote de veneno e as fléchinhas estão entre as palhas.

Quando o Picapau estava contando isso o Tamaquaré caiu da cumieira da casa e sacudiu a mão na direção da zarabatana e do pote de veneno.

A mãe dos meninos disse:

—Este é o tio de vocês.

O Picapau grande disse:

—E' mentira. A mãe de vocês está mentindo. O Tamaquaré vai mostrar sòmente onde estão a zarabatana, as fléchinhas e o pote de veneno do pai de vocês.

A mulher foi embora com raiva. E o Picapau grande continuou a contar:

—O Gaimo mora no ôco do pau, bem no alto, e, rente ao pau, desce um cipó. Quem esbarra no cipó avisa, sem querer, que, em baixo da tinumboca, tem gente.

Mas o Gaimo não aparece logo. Quem aparece primeiro é o seu criado — o Macaco da Noite. Tu pões um cesto de terra no ômbro e um tronco de embauba com folhas. E tu levas a zarabatana com fléchas bem envenenadas. Chegando ao pé da tinumboca — que é a casa do Gaimo — sacode o cipó. O Macaco da Noite virá espiar primeiro quem é. E tú, Hitoma, te esconderás. E êle, assim, não verá teu irmão que deverá ficar debaixo da terra e sob folhas de embauba. dentro do cesto. Então sacode o cipó, de novo. E o Gaimo aparecerá. Fléch-o logo, fléc-ha no membro dêle.

Vai enganar a onça, tu, primeiro, disse o Picapau a Ficido Hicéma. O menino foi. E Hitoma foi atrás dêle, soltando o Picapau grande que foi embora, curado.

Os meninos fizeram como o Picapau grande lhes ensinara. Ficido sacudiu o cipó, com a embauba.

Apareceu primeiro o Macaco da Noite. Espiou, espiou mas só viu a embauba e o cesto de terra. Ficido disse ao irmão:

—Ainda não é êle. E' o criado.

E puxou de novo o cipó.

A Onça apareceu. Pôs só a cabeça de fóra e depois saiu de dentro do ôco do pau.

—Agora é o Gaimo, disse Ficido ao irmão. Flecha o membro dêle. Hitoma lhe flechou o membro. E o Gaimo caiu do alto da tinumboca e morreu.

Todos os bichos do lugar, passáros, aves, macacos, veados, porcos, cotias, ratos, ficaram contentes, porque eram gente de Hitoma, parente dêle.

A mãe dos meninos gritou:

—Quem foi que contou a vocês?

Os meninos não responderam. Hitoma tirou um dente da Onça para os suspender aos seus colares. E tirou-lhe o couro, que secou ao

sol, para se cobrir com êle. E, com o dente da traira, começou a fazer um buraco no dente da Onça. E o irmão dele o ajudava também.

Quando a mãe dêle ouviu o barulho do dente da traira furando o dente da Onça, disse-lhe:

—Para furar mais depressa sopra o pó que vai saindo do buraco. O menino soprou com força. O pó caiu nos olhos do irmão e nos seus olhos. E esse pó virou formiga de fogo.

Os meninos se puzeram a gritar, não suportando as dôres que as ferroadas das formigas lhes causavam. Ficaram como cegos. A mãe deles os havia enganado.

Assim que as dôres passaram os meninos voaram para o céu. Ali acabariam de furar o dente da Onça que queriam suspender aos seus colares.

O Picapau grande foi procurá-los no céu e contou:

—Hitoma, pai de vocês, matou o chefe Heririama Nocaido — o Tucano — com ciúme da mãe de vocês. Mas o Gaimo, que era o companheiro dela e amigo do Tucano, foi quem comeu o pai de vocês. Contou isso e voltou para a terra.

Depois de muitos verões os meninos voltaram do céu. Hicebéne Alfuéde, mãe deles, já estava velha. E morava sozinha.

—Meu filhinho, disse a Monaro Hitoma, depois que vocês foram embora não tive ninguem que tomasse conta de minha roça e das minhas fruteiras. Os ratos roem as minhas macacheiras e os meus carás. E os passarinhos comem os meus mapátis, os meus abios, as minhas pupunhas as minhas bananas. Botem já uma armadilha para pegar êsses ratos. E matem, fléchem, fléchem os passarinhos.

No dia seguinte os meninos, de manhã cedo, foram botar armadilha. E voltaram para casa. A velha os chamou:

—Agora, tirem os bichos do meu pé. Tu, disse a Monaro Hito--ma, tira os bichos do meu pé direito e põe urucú nos buraquinhos. E tu, Ficido Hicéma, tira os bichos do meu pé esquerdo e põe carvão nos buraquinhos.

Os dois passaram o dia inteiro tirando bichos e pulgas dos pés da velha. Depois dormiram. E, antes de amanhecer, foram espiar a armadilha. Ainda era noite no mato. A armadilha estava pesada e por terra. Os meninos voltaram para casa e falaram:

—Ei, mamãe, nossa armadilha está cheia de ratos.

—Traz, respondeu a velha.

Ela já estava morta, mas o espirito dela ainda estava falando. Monaro Hitoma se sentou perto do fogo, que já estava quase apagado.

Ficido Hicéma lhe disse:

—Meu irmão, não era nossa mãe quem estava na armadilha?

—Vamos espiar?

—Vamos.

Foram.

—Espia, espia aqui o pé da velha, com os buraquinhos de bicho de pulga, cheios de urucú, disse Monaro Hitoma.

—Espia, espia êste pé com buraquinhos cheios de carvão, disse Ficido Hicéma. E' nossa mãe. Ela vivia com pena do seu amigo — o Gaimo — e ainda queria nos enganar.

—Vamos enterrá-la? — perguntou Monaro Hitoma.

—Não temos fogo.

O outro disse:

—Lá em baixo está um homem fazendo tapagens. Êle tem fogo. Vamos buscar fogo?

O outro disse:

—Vai tú só.

Ficido Hicéma encheu a boca de algodão, transformou-se num beija-flôr e vôou no rumo da tapagem. E, batendo nela, caiu perto do homem. O filhinho do homem, que estava ali, viu o beija-flôr cair ao chão e pediu ao pai:

—Agarra-o, agarra-o para eu criar.

O beija-flôr se pôs a tremer. Todo o corpo dêle tremia. O homem, então, o pôs perto do fogo, que estava estalando e chispando.

O beija-flôr foi logo enchendo a boca e o papo de chispa. O menino gritou:

—Papai, o beija-flôr está comendo fogo.

—Então aviva bem o fogo, para êle comer as chispas e as brazinhas.

O menino fez.

Quando o beija-flôr estava com o papo cheio de chispas e de brazínhas levantou vôo e fugiu.

O menino gritou:

—Papai, o xirimbabo levou o fogo.

O pai disse:

—Não faz mal. Deixa que leve. O fogo que êle roubou se acaba. O meu fogo nunca se acaba.

O beija-flôr chegou ao lugar onde Monaro Hitoma ficára, e voltou a ser menino. O menino Ficido Hicéma, que só tinha um olho. Então, Monaro Hitoma e êle fizeram uma grande fogueira e atearam fogo nela. Depois arrastaram o cadaver da velha e o jogaram na fogueira. Quando a fogueira se acabou tiraram os ossos da velha e os enterraram. E choraram, choraram. Depois, foram embora para o centro da terra dos Uitoto.

Uma tarde, encontraram o sapo Ó-daque, à beira de um buraco, cantando: hu! hu! hu!

O caôlho disse:

—A alma da nossa mãe entrou por aqui. Vamos cavar?

—Não! Não é a alma da nossa mãe.

—E', teimou o caôlho.

—Então, vamos cavar.

Cavaram, cavaram, cavaram. E fizeram um buraco enorme, mas não acharam o sapo Ó-daque, que estava cantando à entrada do buraco que êles haviam cavado tanto.

Hitoma jogava a terra de dentro do buraco com um cesto. Depois, sentou-se no chão e começou a fazer o membro do Gaimo com o barro que seu irmão jogava de dentro do buraco.

Hitoma lhe disse:

—Não é a casa do sapo Ó-daque. Aqui não tem gente.

O caôlho, do lado de fora, fazendo o membro do Gaimo, teimava:

—Tem, tem! Está cantando.

—Foi a juruti que cantou.

—Não! Não foi a juruti que cantou. Foi gente.

O sapo Ó-daque era gente.

Hitoma se aborreceu e saiu de dentro do buraco. E correu no rumo daquele canto. O caôlho foi atrás dêle e encontrou um homem que estava cantando assim:

Vem conversar comigo
e eu te contarei
como teu pai morreu.

Ficido se zangou e, pensando que era carne e eram beijús, que estavam perto do homem, bateu naquilo com os pés. A carne era um bolo de saúva e os beijús eram lama e areia.

—Isto não é carne e nem é tapioca. E' saúva e areia e lama, disse Ficido.

Hitoma disse:

—E, agora, como é que vamos pagar essa carne e esses beijús? Isto era carne e eram beijús.

—Não era, teimou o caôlho. Vamos com o nosso tio ,que é o Dono do Sono, e está dormindo sempre.

O Tio deles não era gente, mas cobra.

—Êle está sempre dormindo! Êle é Dono do Sono.

Andaram, andaram e chegaram à casa do tio.

Hitoma, então, bateu com a zarabatana na ilharga do velho. O velho acordou, mas não abriu os olhos, que estavam cheios de sono e de ramela. Hitoma lhe contou:

—Nossa gente está se acabando.

—Já sei — disse o velho.

—Me dá do teu sono, me dá da tua ramela — pediu Hitoma.

—Me dá, me dá — pediu Ficido. — Nossa gente está apodrecendo.

O tio disse a Hitoma:

—Arranca fôlha de milho.

Os meninos arrancaram e deram ao tio.

—Fechem os olhos — disse o tio.

Hitoma fechou os olhos, mas Ficido tapou os seus olhos, espiou por entre os dedos. O velho tirou um pouco da ramela e de sono, embrulhou tudo nas fôlhas de milho, amarrou bem com envira, mandou que os meninos cobrissem bem os olhos e entregou o embrulho a Hitoma.

—Leva! Lá longe está um homem que é o Dono do Raio. Vai, e, quando estiveres perto dele, acena só com este embrulho. Não o abre nunca. Eu só tenho êste resto de sôno que te dei agora.

Os meninos foram procurar o Dono do Raio. No caminho encontraram um passarinho que se pôs a cantar: qui, qui, qui!

—Ouviste? — perguntou o caôlho ao irmão. — Êle está dizendo: desmancha, desmancha!

Vamos desmanchar êste embrulho?

—Não — respondeu-lhe Hitoma.

—Vamos desmanchar! O tio não pôs todo o sono aqui. Êle mentiu. Ficou com mais sôno. Não vês? Todos os passaros sabem. Vamos desmanchar! Vamos desmanchar?

E, tanto pediu e teimou, que Hitoma desmanchou o embrulho. Imediatamente cairam por terra e foram cabeceando e fechando os olhos. A Sanguesuga e sua gente viram os dois meninos dormindo e chuparam todo o sangue do que era caôlho.

Como Hitoma estava embrulhado no couro do Gaimo, as sanguesugas só lhe chuparam o sangue dos braços. Por isso êle pôde acordar no outro dia.

Ficido estava estendido no chão, dormindo como se estivesse morto. Hitoma se levantou, arrancou as sanguesugas dos braços e das pernas. Depois, com um páu, levantou o corpo do irmão e foi banhar-se e banhar Ficido, dizendo-lhe:

—Tú estás sempre me dando trabalho e aborrecimentos, porque és teimoso. Foi para isso que eu te tirei de dentro de um ovo de beija-flôr? Agora, onde vamos achar sono?

O teimoso disse:

—Nosso tio tem mais.

—Nosso tio não tem mais. E não nos dará se ainda tiver, porque fomos desobedientes e desmanchamos o embrulho.

—Vamos procurar nosso tio — insistiu Ficido.

E foram de novo. No caminho o caôlho disse:

—Vamos matar primeiro alguns passaros. Nosso tio gosta de passaros. E se lhe levarmos bastante êle ainda nos arranjará um pouco.

Foram, matando passaros e guardando-os para o tio Dono do Sôno. Andaram, andaram. Mas, chegando à casa onde o tio morava, não o encontraram. O caôlho disse:

—Êle sabia que nós vinhamos no caminho e se escondeu. Bom. Não faz mal. Chama o Dono do Vento e o Dono do Trovão.

Hitoma começou a chamar, como o irmão lhe aconselhára, mas chamando baixo, com receio de ver cair um temporal. Mas Ficido gritava:

—Chama alto! Chama com fôrça! Chama mais!

O Vento e o Trovão foram chegando, assim, primeiro de vagar e, depois, de pressa.

O tio deles tinha subido a um tucumãzeiro muito alto e estava escondido entre as palhas, porque não lhes queria dar mais sôno.

—Chama o Vento, chama o Trovão, com mais fôrça. Êle há de gritar com medo do Vento.

O caôlho apurou o ouvido na direção. Aí o tio gritou:

—Sobrinho! Pára, pára o Vento.

—Você é velho e não vale nada! Eu sou forte.

O caôlho queria o vento sempre mais forte. O mais velho, porém, tinha pena do tio. O velho desceu com os olhos limpos, escorregando pelo tronco da palmeira tucumãzeiro. E chegando ao chão, disse:

—Eu não disse que não desmanchassem o embrulho, com a ramela do sôno? Agora não tem mais. Não tem! Não tem!

—Me dá um pouco de sôno, meu tio — insistiu Ficido.

—Onde vou achar? O resto que eu tinha vocês levaram. Não tenho! Não tenho!

O menino puxou um passarinho de dentro da sua bolsa de caça e perguntou:

—Tio, tú não queres isto?

—Eu quero, disse o tio.

Ficido lhe deu o passarinho e o velhou comeu. O menino lhe pediu:

—Me dá um pouco de sôno!

—Onde vou achar? Olha sobrinho! Eu não te dei tudo?

O menino insistiu. O tio tirou um pouco de sôno do canto dos olhos e deu ao menino em pagamento do passarinho. E mandou os dois sobrinhos embora, dizendo-lhes que fossem encontrar o homem que tinha o raio. Só com ameaçá-los fariam dormir todos os passaros. O homem morava ali por perto. E tinha só uma filha. O velho aconselhou:

—Engana a filha dele, entregando-lhe isto.

E soprou o potezinho onde guardava veneno. O potezinho virou abio. Os meninos foram à procura do homem e deram com a filha dele na porta.

—Onde está teu pai?

A moça não respondeu. Ficido, então, lhe deu o abio, perguntando-lhe:

—Onde teu pai esconde o raio?

—Está dentro de um esteio da casa. Há dois raios. O melhor é o de cima do esteio; o de baixo é fêmea; o de cima é macho.

Aí o menino perguntou:

—E como é que o teu pai tira o raio?

A moça, que não comera o abio e o apertava, com as duas mãos, contra o peito, ensinou:

—Meu pai tira assim. Briga com a sua mulher, abraçado, e vira um espêlho de um lado para o outro. Faz assim com teu irmão.

Ficido fez como a moça ensinou. E pôde pegar o raio macho que estava escondido no esteio. Em seguida arrebatou o abio das mãos da moça. E os dois irmãos fugiram, correndo.

A moça gritou. Aí o pai dela — que se chamava Ameona — apareceu. E foi atrás dos dois, correndo, correndo, até que pegou Hitoma e tomou o raio das mãos dele.

—Por que não me pediu?

—Porque nossa gente está morrendo. Matando os bichos que são nossos inimigos, nós, depois, te entregaremos o raio.

—Tira esta vara — disse-lhe Ameona.

Os meninos tiraram a vara e Ameona passou urucú na vara. E experimentou num pau a fôrça daquele raio. O pau arrebentou-se, lascando-se e queimando-se.

—Agora — disse Ameona — com êste podes matar os inimigos da tua gente.

Os meninos foram embora, levando a vara. Então, encontraram os bichos que estavam comendo a gente de Hitoma e de Ficido.

Os bichos estavam chorando, porque já sabiam que os dois levavam o raio com êles. Hitoma ameaçou o maior de todos os bichos, três vezes e, depois, quatro, com o sôno do tio. O bicho dormiu. Aí Hitoma o arpoou com o raio. Hitoma cortou com o raio a ponta do rabo do bicho, e êsse pedaço virou veado. Cortou com o raio a cabeça do Bicho e essa cabeça virou anta. Por isso, velho come anta e veado. Crianças e moços que comem carne de veado e de anta têm dor de dentes. O Bicho morreu. E a história acabou.

O APARECIMENTO DO FÔGO

Antigamente o Fôgo não existia, mas os Uitotos não sentiam falta dêle, porque não comiam carne de caça: só comiam frutos. A moça Hiteroeguêça, filha do velho Monadjururama e da velha Hiteroeguêça, vivia presa em casa, sentada sôbre fôlhas de Buriti.

Uma noite veio a Minhoca-grande e encontrou a moça cochilando, de pernas abertas e entrou pelo sexo dela.

A moça Hiteroeguêça ficou prenha.

Então o espírito da minhoca, no outro dia de manhã, disse àquela moça:

—Quando sentires as dôres do parto, vai parir na ponta da terra do igarapé.

Nove mêses depois Hiteroeguêça sentiu as dôres do parto e foi procurar a ponta de terra do igarapé para parir.

Seu pai e sua mãe não sabiam de nada.

A mulher pariu, no escuro, um menino. E, cobrindo-o com uma panela voltou para casa.

Cinco dias depois voltou à ponta de terra do igarapé e levantou a panela. Ali não estava mais o menino, mas um pé de mandioca — as raizes mergulhadas na terra e na água e os galhos cheios de frutas bôas: abio, ananás, banana.

As raizes da mandioca já estavam escumando.

Vieram as piranhas procurando frutos e derrubaram o pé de mandioca. Ficaram só as raizes da mandioca.

A mulher saltou e ficou em cima de um pau no meio do igarapé. O espirito do menino lhe disse, então, que estava encantado naquela mandioca. Hiteroeguêça virou ali mesmo macaco-leão. Nisto apareceu a Velha Bacurau, que era Dona do Fôgo e vinha fazer beijús com as raizes de mandioca. Atrás dela vinha um menino na costa da sua mãe.

O menino disse:

—Mãe. A velha Bacurau tem fôgo na boca. Toma-o dela.

A mulher foi arranjar algodão e deu ao filho. O menino saltou em cima da velha Bacurau e tirou-lhe o fôgo da boca.

A velha Bacurau zangou-se e foi embora amaldiçoando o menino que lhe roubara o fôgo. O menino deu o fogo à sua mãe.

Então, apareceu o diabo e levou o menino consigo.

Foi aquela mulher quem ensinou aos Uitotos a assar tôda carne de caça.

ORIGEM DOS UITOTO

Um dia começou a sair gente de um grande buraco. Na frente apareceu logo o preto.

No lugar onde o preto pôs os pés apareceu água, formando um lago. Havia pouca terra por ali.

Tôda aquela gente ficou se banhando nágua daquele lago. Então, o gafanhoto cantou:

—O sol já vem! O sol já vem!

E, antes do sol aparecer, a Caba cortou o rabo de tôda aquela gente. E os que foram saindo do buraco, depois do sol ter aparecido, viraram coatá, ficaram com rabo.

Os que se estavam banhando viram, dentro do lago, o Agároraiocomuíde, que era o chefe dos Uitoto.

Aquela gente estava com fome.

Fizeram peneira, puçá, jiquy, rêde para pegar Agároraiocomuide, que era o chefe dos Uitoto.

Não conseguiram. Então, a gente negra arpoou o chefe dos Uitoto.

—Vocês mataram o vosso chefe; agora vocês não têm quem vos ensine e defenda.

Todos queriam comer a carne daquele Chefe. Mas não tinham fôgo para assar e a cozinhar.

—Não tenho fôgo — disse um.

—Eu também não tenho — o outro dizia.

Veio o Morcêgo-branco e disse áquela gente:

—Eu vou buscar fôgo para nós.

E foi.

A Estrela-d'Alva estava no céu, bem no alto. O Morcêgo vôou até ao lugar onde ela estava. Encheu a boca de fôgo e voltou para o meio daquela gente.

Assaram a carne do Chefe dos Uitoto. E fizeram a festa para comer.

Foi nessa ocasião e daquele buraco que nasceram os Iviacuéne, Nogone, Caiduare, Ciuêne, Dorivo.

VOCABULÁRIO DA LINGUA UITOTO

A tribo Uitoto caracterizava o ambiente em que vivia, bem como os sêres, as coisas e os fenômenos naturais, com os vocábulos seguintes:

— A —

Abano — tôfei
Abiu — hificogue
Acabou — racoêde
Acará — orinio
Acará-açú — cáganio
Água — hênui
Alegria — iobidén
Algodão — ráiquiê
Ali — baie
Alto — are
Amanhã — icohite
Amarelo — boraréde
Ananaz — rocide
Andar — macáde
Ano — hêamona idjaque (outro verão começou)
Anta — hégademá
Antigamente — nano
Anun corcoroca — uñóco
Anus — móifo
Aquela — nái
Aranha — homa
Arara — éfa
Arco-iris — djoiréu
Areia — cuinediê
Ariramba — djiédo
Ariranha — êfuié
Arvore — amêna
Assado — ruica
Assaí — néhe
Avó — oçunio
Avô — oçuma
Aza — iáico
Azul — mocoréde

— B —

Bacaba — diréhê, icêhê
Bacurau — fácua, mogaréque
Baço — hácuêve
Baixo — ianoride
Banana — ógodo
Banzeiro — batê
Barba, bigode — aimâque
Barraca — hófo
Barranco — icône
Barriga — fénague
Barriga da perna — miaje-miâre
Beber — riróacaduque
Beija-flôr — ficido
Beijú — airida
Bem-te-vi — étocì
Besouro — hudiaconio
Bexiga — bodiro
Biceps — náredjo
Bico do peito — monomuidò
Bigode (barba) — aimâque
Bochecha — caca
Bola — uíqui
Bom - máre
Borboleta — têtêbe
Borboleta azul — ranabudgêgue

Bôto — amana
Braço — onófuai
Branco — racudja, hirama
Brasa — cóque
Brincar — rifanóte
Brinco de mulher — refoiçe
Bunda — moidji
Buraco — ifo
Burduna — bigue

— C —

Cá — bie
Cabeça — ifógue
Cabelo — vótera
Cabelo do pubis — hueque
Caçador — rautê (a longo)
Cachoeira — nóvico
Cachorro do mato — hico?
Calcanhar — taicide
Calor — rióréde
Camaleão — cio
Camarão — hóga
Caminho — naço
Campo — tifuire
Cancan — icacãnio
Canela — djaida
Canôa — nocarái
Capim — haitiquino
Caranã — eréri
Carapanã — uidódo
Carcaz — guidjago
Carne — iéce
Caroço — níequique
Casca (de arvore) — igóre
Caveira — efoiguigore
Centopeia — férecio
Certo — uádjotê
Ceu — mõna
Chato — diaréde
Chorar — éde
Chuva — nóque
Cinco — dabecuiro
Clitóris — dicoma
Coatipurú — quiquinio
Cobra — raio
" coral — éganio
" papagaio — uique
" surradeira — djoimenico
Coca — gibói
Comer — gunõ
Comida — guitié
Concha de rio — guioro-niú
Coração — cumequire
Corôa — noiquire
Correnteza — tôtê
Correr — aicide
Coruja — monoíço
Cosido — céga
Costa — êmondoque
Cotia — fuido
Cotovelo — taiquidjure
Côxa — haco, hiaco
Crista — ifoiguebaro
Cuidado — cédale
Cujubim — muidoque
Cunhado — oiima
Cunhada — oifãno
Curimatã — noiquito
Cuspo — tuáque

— D —

Dedo — onoque
Deixa — damaite
Dêle — oniimai
Dente — icido
Dez — nagáfebequiro
Dia — monaide
Doença — duico
Dois — mênaide

— E —

Êle — iuúré
Enteado — erecama
Encantado — idjémuidomo
Enterrado — rága
Envireira — irída
Escada de jaboti (cipó) — djuicuruo
Escrôto — inhigue

Esperma — uqui
Espeto — hêdica
Espinho — édo
Espirito — rórênio
Espirar — acerite
Esta, e — bie
Esteio — goguira
Estrela — ocudo
" da manhã — monarecudo
" da tarde — ificorenio
Eu — côe
Excremento — némuie

— F —

Faca (de taboca) — quéfai
Fagulha — énicane
Fantasma — rórênio
Febre, febril — abiucaride
Figado — bânui
Filha — ica
Filho — ito
Fino — dibiréde
Flécha — ceda
Fléchinha — uibáre
Flôr — caféde
Floresta — iriréde
Fogo — ire
Folha — hábe (papel)
Folha de fumo — dêobe
Formiga de fogo — équinió-na-haide
Fornicar — uiéride
Forte — marida
Fraco (não presta) — maraniéde
Friagem — rodime
Frio — rociridé
Fruto — djicide
Fumaça — oididé
Fumo (tabaco) — diéra

— G —

Gafanhoto — fiódo
" serrador — djanicônio
Gaivota — teja (sôa **terra**)
Galho — ônogai
Galinha — ataua
Garça — méni (branca)
" — hóde (azul)
Gavião real — mairânio
Gengiva — icique
Genro — niécore
G'a — nofanio
Gibóia — amaçi
Glande = ga'mo — héro
Gordo — muiróque
Gosma — muiroque
Gostar — onagáiduque
Grande — adjué
Grávida — uruécide
Grosso — adjué

— H —

Himen — utáde

— I —

Igapó — icóre
Igarapé — idjiétué
Incestuosa — hitômaguece
Incestuoso — hicorigue
Inhambú — djótoro
Inverno — uaiquidedje
Irmã, irmão — ama
Iris (olho) — coréquido

— J —

Jaboti — odjéreminio
Jacamin — baquita
Jacaré — naima
Jacina — amudjique
Jacundá — iâma
Jacurarú — quêma
Jamaxi — quiriga
Jararaca — iuana
Jejun — guniéde
Jiqui — çeda, irida
Joêlho — caniquêvo
Juruti — fuecanio

— L —

Lábio — fuéigo
Lacrau — acaido
Ladrão — fuiréde
Lago — rórái
Lágrima — éde
Leite (latex) — éde
Leve — ménide
Liga de braço de homem e de mulher — djómaní
Lingua — eirfe
Longe — arité
Lontra — hitiróquinio
Louro — efiuca
Lua — fuiui (m)
Luar — marefui-uí-toma
Luz — ira

— M —

Macaco barrigudo — heméĩ
" caiarara — homa
" de cheiro — tidí
" coatá — guáme
" guariba — io
" leãozinho — çumique
" da noite — himóque
" parauacú — hidóbe
" prego — eiahõma
Machado — djaigo
" pequeno — megorunio
Mãe — êi
Magro — iaronaite
Maguari — curufo
Mandioca — ruidjire
Mão — onodi
Mapatí — cirico
Maracanã — êrade
Marajá — djajéda
Marianita — iridique
Marido — oine
Mato — racique
Matrinchão — ruidone
Masturbação — hidinêcéte
Mau (não presta) — maraniéde
Meato — ucófe
Mel — quifó
Mergulhão — nibódo
Mentiroso — tanodjoto
Meu, minha — coé
Mijo — bodide
Mijar — bodisaideco
Milho — bédjado
Minha — coé-i?
Miolo — tiéme?
Minhoca — cuio
Moça — hitânio
Morcego branco — hidocuinhaoa-diréque
Morcego branco — uguanho
Moquem — çaié
Morte — fióidéte
Mulher, esposa — oáli
Muirapiranga — quiritênio
Mutuca — mocódi
Mutum — afóque

— N —

Nadar — êidei
Nadega — moidji
Nariz — cófe
Narrador de histórias — bunema-ra-mana
Neta, o — ito
Nevoeiro — oidjiêde, imane oidjiê-de
Noite — nágo
Nora — mio
Nós — uana
Nosso — caige
Nuca — quimado
Nuven — naríde

— O —

Olhar — erouóde
Olho — uici
Onça grande — hanadjári
" maracajá — djamoronio

" maracajá pequena — didicuarú
" pintada — hiráco
" vermelha — édoma
Ombro — fecaidjeido
Onde — neuome
Ontem — nauide
Orelha — héfo
Osso — idjáque
Ovo — hêgue

— P —

Paca — êmei
Pai — moma
Palpebra — uicicóro, uicóro
Panela — nôgo
" grande — nogore
Papagaio corôa — cuiódo (?)
" da beira do rio — uéo
" da terra firme — çaroque
Papo — uorêgo
Patauá — comáhí
Patinho — cugue
Pato — nóco
Pau de balsa — fenaque
Pé — éidi
Pedra — nifique
" de fogo — cádjáque
Peito de homem — ógobeide
" de mulher — mono
Peito do pé — éidiémodo
Peixe-boi — hejádemá-edjéneduma (anta da agua?)
Peixe-cachorro — ofáibe
Pele — nécuio
Pelo do pubis — hueque
Pena — ibe
Pente — hibôni
Pequeno — ranoréde
Periquito — gairicone
Perna — eidade
Perto — iaréde
Pesadelo — ranabacuéfana
Pesado — mérede
Pescada — nofidio
Pescador — aimarame
Pescoço — quimágo
Pestana — uicitera
Pica-pau — rócadirene, tuierênio
Pingo (de chuva) — éciodédje
Piôlho — ibôma
Piranha — imênia
Pirapitinga — tigábinio
Pirarucú — gadí
Piún — êinique
Planta do pé — eidiero
Pomba galega — fuiquiri
Porco — mero
Porta — naçe
Pote — djiéroda
Praia — guarurama, coinedjé
Preguiça (animal) — djaino
Preto — ritodjague
Prima, o — ama
Primeiro — oniimé
Pular — daiade
Pulmão — háfaique
Puraqué — tó

— Q —

Quatro — nagaamaite
Queimar — ôcide
Queixada (porco) — emo
Queixo — aimaco
Quem — bui-é

— R —

Raia — córenio
Riao — améu
Raiz — hainau
Ramela — muiroque
Rapaz — cunerué
Rato (peito branco) — minie
Rato (peito preto) — niuçú
Rêde — quinai
Rêde para apanhar animais — djoiri
Redemoinho — córapo

Redondo — itúba
Relampago — boríde
Remador — haraíma
Remo — harafai
Resina — iclií
" de sorva — iqui
Rins — tucuréri
Rio — êmani
Rir — ráicite
Rolha (de papel) — hábe
Roncando — hicoquitê
Rouxinol — quinédoidjema

— S —

Safadeza — uárico
Santo — fenare (de fenaque)
Sapo cururú — curéque
Saracura — toça
Sardinha — madivai
Segundo — hiameé
Seiva — hénuidia
Semen — uqui
Semente — níequique
Sete estrelo — ucuvo
Sexo (h) — hédina
" (m) — hiáne
Sobrancelha — uinacaibé
Sogra — hifano
Sogro — hifai
Sol — itôma (h)
Solteiro — ainiédo
Sombra (de gente) — hánaba
Sonho — inêide
Sono — hárue
Sorubim — ináida
Sucurijú — nôio
Surucucú — monare

— T —

Tabatinga — hinhoraque
Tamanduá bandeira — érênio
" colete — dôbode
" -y — nonoco-quenio
Tamaquaré — riciagoda
Tambaqui — dioba
Tamoatá — énico
Taniboca — méroçigue
Tapagem — dorécotête
Taracuá fino — raraquini
Tartaruga — meninio
Tatú canastra — hicodainanó
" grande — niénenio
Tejuco — sacób
Telhado (de caranã) — enêco
Tempestade — alfuibidje
Terra — enêei
Testa — uiéco
Teu — oié
Tia — êi
Tição — iráique
Timbó — fuiana ,fuiau
Tio — iço
Tipiti — inaraco
Tipóia — rêrêfe
Tornozelo — taiciconhe
Tossir — téide
Trabalhar — mahiduque (está trabalhando)
Traira — hidêmo
Travessão — icoi
Traz — atébeni
Tremer (com febre) — çuinóde
Três — daimanite
Treva — hitiréde
Tripa — hébe
Tristeza — coméque facáduque
Trovão — gurude
Tu — ó
Tucano — nocaido
Tucun — niéquero
Tucunaré — çaní
Tuiuiú — ámenoicado

— U —

Uaranarana — garadoaí
Uirapurú — totigoma
Um — dáde
Umbigo — mutida
Unha — onocobe

Urina — bodide
Urinar — bodisaideco
Urubú — ino-ino
" rei — ino

— V —

Vagalume — ébinio, jacudo
Valente — rêriédo, reiréde
Veado — quito
" rôxo — djaúba
Veia — niécuio
Velha — oáquimá
Velho — oaquimá
Veneno — álfoi
Venta — dovoifo
Vento — bétade
Verão — fuémona
Vermelho — riaréde
Via latea — haiaráfe
Vinho (refresco) — hágabe
Virgem — niáotanégue
Vitória-Régia — nuioguiê
Viuva — fequima
Viuvo — fequinio
Vomitar — quêquéde

— Z —

Zangado — coé-iquirité
Zarabatana — obidjáca

FRASEOLOGIA UITOTO

1 — A alma foi para o outro mundo:
horênio abibeconio raide.

2 — Abre a porta:
Naçé icone

3 — Conta! Conta!:
djoinome! djoinome!

4 — Contador de história:
bunemara mana.

5 — Desmancha!! Desmancha!!:
çui! çui!

6 — Está sonhando:
nécarite

7 — Estar com frio:
roiçinéde aite

8 — Estás aí:
iteó que dí.

9 — Estou aqui:
êh, êh iteó qué.

10 — Estou zangado porque não chegou noticia:
coé bebiniéd corá bebeuied.

11 — Eu tenho:
coé moite.

12 — Eu não tenho:
coé moiniéde.

13 — Fecha a porta:
naçe iba.

14 — Já vem chuva:
nóque déa bidja .

15 — Já vou:
raraidique.

16 — Minha irmã:
coé ama.

17 — Minha neta:
coé ito.

18 — Minha tia:
coé êi.

19 — Não quero:
guniéde.

20 — Oonde vai:
neneráido.

21 — Outro verão começou:
hêamona idjaque

22 — Quero dormir de boca aberta:
iniacaduque afarite

23 — Tu tens:
omoite.

24 — Vai embora:
raimánia.

25 — Vem cá:
bie beni.

26 — Vem comer:
guiça bide.

BIBLIOGRAFIA

Para um estudo mais amplo, que pretendia fazer entre os UITOTO localisados em Mataurá, no Município de São Paulo de Olivença, Estado do Amazonas, organizei uma bibliografia que poderá ser util aos estudiosos dessa tribo avaliada, ainda há poucos anos, em 20.000 almas e cuja lingua harmoniosa, na expressão de Koch Grünberg, "não apresenta nenhum parentesco com a familia caraiba", sendo considerada modernamente por Paul Rivet uma lingua isolada.

Muito me vali do tomo II da AMAZÔNIA COLOMBIANA AMERICANISTA (N.º 4-8, ano de 1944), para a organização da presente bibliografia, mas, também, de outras fontes de leitura, na Biblioteca do Museu Paraense Emilio Gœldi e na Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro.

As indicações mais recentes são devidas à obra de George Peter Murdock, OUR CONTEMPORANY PRIMITIVE.

ARBELAEZ, PEREZ. — **Plantas útiles de Colombia.** Imp. Nac. Bogotá, 1936.

BATTINI, VIDAL DE BETA, ELENA. — **La Leyenda de la ciudad perdida.** Separata das Relações da Sociedad Argentina de Antropologia. Buenos Aires, 1942.

BATET, P. NARCISO DE, O. F. M. Cap. — **Relación de la excursion por el Putumayo hasta los indios del Peneya.** Carta al Superior Regular fechada el 24-IX-1928, en Mocoa. pp. de oficio inéditas.

BOXLER, KARL. — **Bei den indianern am Putumayo** — Strom. Friburgo (Suiza). Ed. Kaniuswerk, 1934, pags. 265-270 y 284-286.

CASTELVI, P. MARCELINO DE, O. F. M. Cap. — **Algunos cuentos de la tribu IFUKUÉME relacionados con la sub-tribu de Salado Grande.** Sidunboy, 1932. Manuscrito inédito.

CASTELVI, P. MARCELINO DE, O. F. M. Cap. — **Fragmentos de encuesta sumária del huitoto de Guepì y Peneya** (INFIKWENE). Informador Francisco Infikwene. Sidunboy, 20 - VII - 1933.

CORTS LES, P. ESTANISLAO DE, O. F. M. Cap. — **Datos y tradiciones sobre los pueblos de indios huitotos y orejones de** "mas abajo de la Concepcion". Em "Informes sobre las missiones del Putumayo. Bogotá. Imp. Nac., 1913.

CORTS LES, P. ESTANISLAO DE, O. F. M. Cap. — **Entre los huitotos del Alto Putumayo** (Caimitos). Descrición de sus bailes y de algunas costumbres. Em "Informes de las missiones catolicas de Colombia de los años 1919-1921". Bogotá. Imp. Nac. 1921.

CLAES, F. — **Chez les Indiens Huitotos et Correguajes.** Bulletin de la Societé Royale Belge de Geographie, vols. LV - LVI. Bruselas. 1931-32.

CRÉVAUX, JULES — **Voyages dans l'Amérique du Sud,** Paris, 1883.

CALELLA, P. PLACIDO DE. Missionero O. F. M. Cap. — **Breve lista de vocablos muinane - witoto de Piñuña Negro.** Puerto Assis. Ms. inédito. Marzo de 1933. En el Archivo CILEAC, de próxima publicación.

FARABEE, W. C. — **Indian Tribes of Eastern Peru.** Papers of the Peabody Museum of American Archaelogy and Ethnology. Vol. X. Cambridge, 1922.

GRÜNBERG, THEODOR KOCH — **Les Indiens Ouitotos, étude linguistique.** Em "Journal de la Société des Américanistes", de Paris. 1906.

— **Die Indianerstämme am oberen Rio Negro und Yapurá und ihre sprach liche Zugehörigkeit.** Zeitschrift für Ethnologie. Vol. XXXVIII. Berlin, 1906.

GRAEBNER — **Méthode der Ethnologie.** Heidelberg, 1911.

GARZÓN, P. LUIZ BELTRÁN DE, O. F. M. Missionero y Capelán militar. — **Encuestas linguisticas de várias linguas y dialectos de la región de Tarapaca.** Ms. En el Archivo de CILEAC de próxima publicación.

HARDENBURG, W. C. — **The Indian of the Putumayo, Upper Amazon.** Em "MAN", vol. X, Londres, 1910.

IGUALADA, P. BARTOLOMÉ DE, O. F. M. Cap. als Huitoto of the Hugumani. — **Una Superstición de los Indios.** Em "Catalunya Franciscana". Barcelona, ano II, 1924.

— **Sobre los indios Caimites Sebuas, etc., del antiguo Guepi y algunos de Peña Blanca (Putumayo)**, cerca Remolino. Em "Informes de la mission del Caquetá en 1930-31. Bogotá. Imp. Nac., 1932.

JARAMILLO, A. ROBERTO — **Monografias botanicas. Totumas y cuyabras.** Universidad de Antioquia. Medellin, N.º 53-54, 1942.

MANRESA, P. FRUCTUOSO DE, missionero O. F. M., Cap. — **Encuestas linguisticas sumárias del dialecto muinane-witoto** (del grupo manekka, familia linguistica Witoto). Inéditos do Archivo de CILEAC, de próxima publicación.

MALARET. — **Dicionário de americanismos.** San Juan de Puerto Rico. Typ. Venezuela. 1931.

MARTIUS, F. KARL. — **Beiträge zur Ethnographie und Sprachekund America**, 1867.

NIMUENDAJÚ, CURT — **Vocabulário da Lingua Uitoto.**

PREUSS, K. T. — **Bericht über meine archäelogischen un ethnologischen Foorschung reisen in Kolumbien.** Zeitschrift für Ethnolologie. Vols. LII-LIII. Berlin, 1920-21.

— **Religion und Mythologie der UITOTO.** Gotingen. Ed. Vandenhoeck. Tomo I, 1921; t. II, 1923.

PINELL, P. GASPAR DE, O. F. M. Cap. — **Noticias remetidas al Padre Prefecto**, de 1917-1918. Bogotá. Imp. Nac., 1918.

QUITO, P. JACINTO DE, O. F. M., Cap. — **Relación de viaje... entre las tribus güitoto.** Bogotá. Imp. Nac. "LA LUZ", 1908.

RESTREPO, MILLAN — **Chigys mie: Leyendas Chibchas,** da Condessa Gertrudis von PODEWILS-DURNIZ. Bogotá. "CROMOS", 1930.

RICARD, ROBERT. — **La diffusion de la legenda des Sept Cités en Amérique.** Em "Journal des Américanistes". Paris, XXVIII, 1936.

SCHMIDT, HERMANN. — **Die Uitoto - Indianer.** Ed. por Koch Grünberg. Em "Journal des Américanistes". Paris, Nouvelle Série, vol. VII, 1910.

STEWARD, JULIAN H. — **The Witotoan Tribes.** Handbook of South American Indians. Smithsonian Institution. Vol. 3, 1948.

TESSMANN, G. — **Die Indianer Nordoat - Perus.** Hamburgo, 1930.

TORTELLÁ, P. CLEMENTE DE, O. F. M., Cap. — **Censo de los Sebúas y Kalmitos de Güepi.** Ms. inédito. 1928.

VEHRHAN, KARL. — **Die Sage.** Handbuecher zur Volkskunde. Vol. I. Leipzig. W .Heims. 1908.

WHIFFEN, T. — **The North-West Amazons.** Londres, 1915.
— **A Short Account of the Indians of the Issa - Japura District.** FOLK-LORE, vol. XXIV. Londres 1913.

WUNDT. — **Voelkerspsychologie: eine Untersuuchung der Entwicklungsgesetze** von Spreche. Mythus und Sitte. Leipzig, 1911-1915. 2.ª ed. (6 vols).

WOODROFFE, J. F. — **The Upper Reaches of the Amazon.** Nueva York, 1914.